

# MARIA INÊS DUQUE ESTRADA

Entrevistadores: Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

Data da Entrevista: 23/10/2008

## **Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?**

Meu nome completo é muito grande, nem uso ele não. Meu nome completo é Maria Inês da Costa Duque Estrada Bastos. Como eu era a filha mais velha, como sou a filha mais velha deram todos os nomes, então, evidentemente pra assinar isso é uma coisa complicada, hoje estou usando só Inês Estrada, quase sempre.

## **Quais eram os nomes e as atividades dos seus pais?**

Meu pai se chamava Werther Santos Duque Estrada Bastos e ele era médico oftalmologista.

## **E sua mãe?**

Zuleica. Ela começou a trabalhar mais tarde, trabalhou como auxiliar técnico da Rádio Roquete Pinto.

## **Havia já algum envolvimento da sua família com o jornalismo?**

A minha família é uma família muito espalhada, eu não conheço tanta gente assim da minha família, não sei, assim pró-jornalismo não. Pessoal todo muito interessado. Meu avô, que eu não conheci, juntava, guardava recortes, então eu herdei dele, até o cupim já comeu, dois grossos volumes de coisas de jornal, de revistas que ele juntou e eu lia muito aquilo quando era criança, mas não era jornalista, trabalhava na Casa da Moeda.

## **E como se deu então o seu envolvimento com o jornalismo?**

Meu envolvimento foi mais ou menos casual, porque eu estudava na Escola de Belas Artes e tinha um colega que era ilustrador da Tribuna da Imprensa, e lá na Tribuna da Imprensa precisavam de uma pessoa que fizesse uma coluna de artes plásticas, noticiário de artes plásticas, e ele então perguntou se eu queria fazer. Eu gostava de escrever, era boa aluna de português no colégio, gostava muito de ler,

e estava na Escola de Belas Artes, bem por dentro de arte, eu gostava muito de conhecer filmes, exposições, então eu aceitei e foi assim que eu fui para a Tribuna da Imprensa, para fazer essa coluna de artes plásticas, assinada como Maria Inês.

**Em que ano foi isso? E como era a Tribuna da Imprensa nessa época?**

Não sei, acho que foi em, por volta de 1956, 57. A Tribuna da Imprensa era na Rua do Lavradio, onde ainda é até hoje, não tinha Carlos Lacerda, ele estava exilado, auto-exilado em Portugal, senão me engano, era Aluísio Alves o diretor do jornal, e lá dentro tinha pessoas ótimas, Carlos Lemos, que depois eu conheci, com quem eu trabalhei no Jornal do Brasil, posteriormente, Hermano Alves, Hilde Weber, que era caricaturista, chargista, muito inteligente, uma pessoa bacaníssima, trabalhava lá, Newton Carlos Figueiredo do Internacional, também meu amigo até hoje, uma pessoa que vocês deveriam até ouvir. Enfim, um ambiente bastante leal e lá então eu que não tinha estudado jornalismo, eu tive aulas, tive um curso mais ou menos informal para os jovens que estavam trabalhando lá e o Carlete, que era o secretário, depois trabalhou no Correio da Manhã, era que dirigia esse curso. Então, Luís Lobo, que depois foi da TVE, enfim, pessoas desse quilate é que deram esse curso e aí eu comecei a aprender o que era um "lead", não fazer aquele nariz de cera, a gente começar a matéria propriamente dita e assim fui aprendendo os macetes da profissão.

**E como era o clima na redação?**

Era uma coisa bem descontraída, era uma redação pequena, quem trabalhava lá nessa época também era o Zuenir Ventura, que trabalhava na pesquisa da Tribuna. Era legal. Tinha umas moças que faziam a coluna de moda, eu não era a única mulher na redação. Tinha também a Cleci Ribeiro... Não, a Cleci eu conheci depois no Jornal do Brasil, posteriormente é que ela foi trabalhar na Tribuna. Mas havia outras mulheres na redação e era bastante amigável o nosso convívio lá.

**Mas era uma época em que o jornalismo era prioritariamente uma atividade masculina...**

É, essas moças que estavam lá não trabalhavam como repórter nem redatoras, elas faziam colunas femininas.

**E qual era esse lugar da mulher na imprensa? Como vocês eram recebidas? No cotidiano, qual era a atuação da mulher no jornalismo?**

Dentro da redação não havia nenhum tipo de... Quer dizer, você aí tem que pensar na situação da mulher também, nessa época. Então, acho que o jornal, como eu

vivi ele, talvez fosse um espaço onde a mulher sentisse menos essa discriminação, profissional e sexual digamos, em termos de gênero, como se diz hoje. Eu acho que era um lugar onde não tinha isso, mas você tem que ver, claro, em comparação com o que era na época, diante disso, porque ainda era, antes dos anos 1960 a mulher ainda era "cabelos longos, idéias curtas"...

**Agora, você está falando isso entre os colegas... Mas como a sociedade via uma mulher jornalista?**

Talvez, primeiro se trabalhava em horários não muito convencionais, já era uma coisa um pouco... Mas é que jornalismo tinha isso, talvez ainda tenha, criava uma espécie, coisa muito especial, quer dizer, quando eu trabalhei depois disso no Jornal do Brasil, a gente... Eu trabalhava no Internacional e saía do Jornal do Brasil 23 horas, meia-noite... Saía de lá no meio do trabalho, dava uma pausa, ia ali no Simpatia tomar um... Eles iam tomar uma birita, eu também, pra não ficar atrás, tomava uma cachacinha, então era uma coisa assim, que juntava muito as pessoas, havia também esse negócio de proteger, também a mulher era protegida, eu e minhas colegas, sempre havia um clima de proteção, mesmo os fotógrafos que saiam comigo tinham aquele cuidado, de defesa, se houvesse necessidade.

**Como era a sua coluna?**

A de artes, eu fazia uma coluna diária, eu acho que eu nem tenho mais, talvez tenha uma guardada, mas eu lia muito as revistas estrangeiras, eu estava na Escola de Belas Artes, tinha exposições... Eu me lembro que o Museu de Arte Moderna, que ainda não estava no Aterro, fez uma espécie de festival de filmes de arte, que foram exibidos na Mesbla. Isso tudo fornecia... Foi uma coisa maravilhosa, foi inesquecível esse tal desse festival... Então isso tudo fornecia notícias. Acho que minha seção era diária sim, uma coisa pequena, de vez em quando tinha entrevistas, entrevistei Aloísio Carvão e através disso eu fui conhecendo pessoas desse mundo da arte.

**Dessa época, quais são as suas lembranças dessas entrevistas, dessas primeiras reportagens que você fazia?**

Eu me lembro muito de uma entrevista que eu fiz com o Millôr Fernandes. Ele morava na praia de Ipanema, mora até hoje, e estava fazendo uma exposição no Museu de Arte Moderna. E lá fui eu pra casa do Millôr para entrevistar e já estou na praia de Ipanema quando começa a chover! Eu não estava de carro do jornal nem nada, que também tinha carro do jornal, jipe, que até jipe era. Mas nesse dia eu estava a pé, aí começou a chover e foi uma chuva fortíssima que me pegou, acho

que eu estava de guarda-chuva, mas a chuva era tão forte que não adiantou nada. Então eu volto, vou embora, mas eu já estava lá... Não, vou assim mesmo, aquele negócio "caxias", eu vou...Aí cheguei na casa do Millôr molhada feito um pinto e começar uma entrevista toda molhada é uma coisa que te deixa meio deprimida, eu me lembro do meu guarda-chuva encostado lá, gotejando, e eu fiz a entrevista com o Millôr. Isso também é uma coisa que eu gostaria de reler, isso eu me lembro muito, foi muito engraçado essa cena e o Millôr muito atencioso, inteligente, uma pessoa legal, não reclamou de eu molhar o tapete da casa dele. Quer dizer, mas isso tinha que ser um lance desse tipo, porque eu era jovem, muito jovem, não iam me mandar para outras coisas políticas, eu ficava nessa área cultural, de arte, de cultura, entrevistas com personalidades que chegavam, estrangeiros e tal. Agora, eu não me lembro assim de tudo, era muita coisa, saía muita coisa, trabalhando diariamente.

**Nesse início, na Tribuna da Imprensa, tem alguém que tenha sido para você um mestre, alguém que você observava, de quem você aprendia as coisas? Ou não, foi aprendendo mesmo no cotidiano, na experiência?**

Foi mais ou menos geral, como eu te falei teve esse cursinho, eu gostava muito de conversar com o Newton Carlos, eu já gostava muito dessa história de política internacional, mas também não havia muito tempo pra isso, eu estava começando também, ainda não era como no Jornal do Brasil, quando eu fui pra lá já era uma coisa mais grupal, na Tribuna ainda não era muito assim.

**Quem era o público da Tribuna?**

A Tribuna era o jornal do pessoal da UDN, Carlos Lacerda, imagino que fosse por aí... Eu não estava muito preocupada ainda com essa história, quer dizer, tinha tido o negócio de Aragarças, uma série de coisas, eu não consigo, quer dizer certas coisas eu não sei em que ano eu estava em tal jornal, em que ano eu estava em outro, é uma coisa de muito tempo, você pode imaginar que não dá pra guardar tudo, mas a Tribuna era um jornal que tinha um público fiel e tinha um lado político na Tribuna, portanto muito forte, o resto era mais ou menos perfumaria.

**E como você foi parar no Diário Carioca?**

Alguém da Tribuna fez essa ponte pra mim, eu desconfio que foi o Carlinhos Oliveira que fez essa ponte pro Diário Carioca, para eu trabalhar na reportagem, eu já estava na reportagem na Tribuna, que eu não fiquei fazendo a coluna, não sei se a coluna não tinha leitor, não sei o que foi, um belo dia a coluna acabou e me passaram para a reportagem e fiquei na reportagem. E aí eu fui por Diário Carioca

e fiquei trabalhando nos dois ao mesmo tempo, porque a Tribuna era vespertina e o Diário Carioca era matutino, então dava pra eu mais ou menos conciliar e ficava muito cansada, mas dava pra eu conciliar os dois.

**Isso era muito comum na época, trabalhar em dois jornais, não era?**

Era e eu tenho impressão que foi através do Carlinhos Oliveira que eu fui pra lá, naquela época do Diário Carioca, com um copidesque maravilhoso... Ah, tinha Nilson Viana também, que já morreu, Nilson Viana foi um grande jornalista, um texto maravilhoso e uma pessoa de quem todo mundo gostava e um homem muito bonito também que ele era. A filha dele, acho que é jornalista também, fomos contemporâneas, ela é bem mais nova que eu, mas fomos contemporânea n'O Globo, eu me lembro dela, acho que ela é jornalista até hoje.

**Por falar em ter dois empregos, o que era comum, qual o grau de profissionalização do jornalismo nessa época? Estou falando de salário, do nível mesmo da profissão.**

Bom, a greve dizia que o jornalista tinha um salário de fome, eu acredito que o pessoal mesmo da redação, repórter, eu estava começando, então pra mim, o meu salário era maravilhoso, eu receber o meu salário no fim do mês, não que eu achasse que recebia muito, mas também receber também o dinheiro era uma coisa muito importante, mas eu me lembro que, nessa época da greve, um pouquinho depois disso, desse tempo que nós estamos falando, era mesmo muito difícil... O Sérgio Cabral, quando casou, tivemos que fazer um vaquinha pra ele poder passar a lua de mel dele no Hotel Quitandinha. A redação se cotizou e deu o dinheiro... Quer dizer, não era uma coisa, não era uma profissão que você fosse trabalhar porque te pagava bem, eu acredito que mesmo para os colunistas e tudo não era assim.

**Você citou a qualidade da equipe do copidesque do Diário Carioca. Quem eram as pessoas que trabalhavam no jornal quando você entrou?**

Era um monte de gente que hoje é lembrada ainda, muitos até hoje estão aí batalhando. O chefe do copidesque era Luís Edgar de Andrade. Nilson Laje, Ferreira Gullar, Nélon Pereira dos Santos, esse pessoal todo era o do copidesque do Diário Carioca. E o Evandro Carlos de Andrade, que depois foi da TV Globo, primeiro do Globo, do jornal e depois da TV, era o chefe da redação. Paulo Francis era crítico de teatro. Vocês não se lembram, mas o Jota Efegê foi uma pessoa muito importante, grande conhecedor de música brasileira, fazia uma coluna de música, de samba. Enfim, eram pessoas do mais alto gabarito.

**Hermano Alves também?**

Hermano era da Tribuna, não sei se ele chegou a ser...Hermano era cria da Tribuna, acho que ele não foi do Diário Carioca não, depois ele foi do Jornal do Brasil, voltamos a nos cruzar no Jornal do Brasil, mas no Diário Carioca que eu saiba não. Deodato Maia, que era secretário, e outras pessoas que eu não... Mas isso já é uma quantidade de gente de peso no jornal, que era um texto muito cuidado, muito bem feito.

**O que o Diário Carioca tinha, no texto, de diferente dos outros jornais?**

Primeiro era um Diário Carioca mesmo, era um jornal que se interessava muito pela cidade, dar uma cobertura à cidade em todos os setores. Depois o texto da reportagem geral, eu trabalhava na geral, era um texto que buscava uma leveza, embora tivesse lide e sublide, não ficava naquela mesmice, era uma coisa que procurava ter um atrativo...Ah, o Carlinhos Oliveira também era do copidesque do Diário Carioca... Então era aquele tipo de leveza, de procurar um texto que atraísse o leitor, não fosse só aquela coisa chapada ali. Isso dava possibilidades, não de fazer firulas ou coisas absurdas, mas de você tratar o texto com um pouco de graça, até de humor quando fosse o caso, não ficar numa fórmula. Isso era muito bom, a gente lendo o jornal Diário Carioca dessa época a gente encontra isso, reconhece essa característica.

**E a mudança no texto dos outros jornais, ela foi logo em seguida ao Diário Carioca?**

Ah, sim, o Jornal do Brasil acho que foi praticamente na mesma ocasião ou logo depois, anos 1960, com Odyllo Costa Filho, Jânio de Freitas, Reynaldo Jardim, esse não no jornal diretamente, mas na rádio, criação do segundo caderno... Como se chamava? Caderno B. E o Suplemento Literário do Jornal do Brasil aos domingos, muito bem feito, que marcou época. O Jornal do Brasil foi mais ou menos em seguida, a diagramação do Amílcar de Castro, o uso da fotografia no Jornal do Brasil, com muito mais destaque do que nos outros. Isso, embora no Diário Carioca tivesse uma diagramação muito bonita, o Jornal do Brasil foi realmente o que marcou.

**No final dos anos 1950, quais eram as mulheres, as jornalistas, que já estavam em evidência?**

Pois é, havia sim mulheres de nome que escreviam para o jornal, a própria Adalgisa Néri, Rachel de Queirós, Eneida, que foi fantástica... Eu tenho a impressão que Eneida freqüentava mais a redação, eu estive com ela umas poucas vezes... Mas dentro da redação nessa labuta do jornalismo, lá no Diário Carioca tinha uma moça, mas ela não ia todo dia, porque ela era também aeromoça, então quando ela estava no Rio trabalhava no Diário Carioca como repórter. Tinha eu, não sei se tinha mais alguma mulher na redação, talvez fazendo coluna, não me lembro muito. É engraçado porque era um trabalho também muito absorvente, não dá para ficar borboleteando na redação, para ficar sabendo, ou então eu era muito concentrada nas coisas que estava fazendo, muito "caxias". Mas isso depois no Jornal do Brasil é que a coisa foi mais, aí que eu me senti mais, digamos, dom pra escrever. No Diário Carioca estava perfeitamente à vontade, mas digo assim, como ambiente de trabalho, no Jornal do Brasil eu fiquei mais à vontade porque eu já tinha um pouco de experiência também, as pessoas já me conheciam, eu conhecia e era um ambiente de trabalho maravilhoso, diga-se de passagem, lá na avenida Rio Branco.

**Ainda sobre o Diário Carioca, houve alguma cobertura da qual você tenha participado, entrevista ou reportagem sua que a tenha marcado mais?**

Várias coisas, havia de tudo, cobertura de Galeão, festival de cinema, artistas que vinham pra cá e que eu entrevistava, misses, eu me lembro bem porque agora são os 200 anos da Família Real, eu me lembro dessa matéria que eu fiz porque saiu na primeira página, dos 150 anos da família real, fizeram uma encenação na Praça XV maravilhosa, a prefeitura que organizou, chamou os cenógrafos mais importantes do Teatro Municipal naquela ocasião, carruagens, corte, guarda-roupa, a Maria Fernanda fazia a Carlota Joaquina, o Jaime [Costa], não lembro o nome dele, um ator bastante conhecido do teatro, fazia o Dom João VI, foi uma encenação, público em volta, desembarque lá no cais e vieram por ali, depois as carruagens e isso foi muito engraçado, teatralização da chegada da família e eu acompanhei isso e fiz no dia a matéria e tive um grande elogio... Ah, foi com um lide como esse que o Nilson Viana foi descoberto... Aí eu fiquei toda vaidosa de ter sido comparado o meu texto com o dele... Isso foi uma coisa interessante, agora são completados os 200 anos e eu até tinha vontade de procurar essa matéria novamente, porque eu não guardei nada do que eu escrevi em jornal, mas nada mesmo, seu eu tiver da tal coluna da Tribuna, uma, é quase um milagre, que eu tenha uma guardada, também jornal não é pra gente guardar.

**Alguns jornalistas contam que no Diário Carioca, no final do expediente, às vezes faziam uma partida de futebol, empurravam as mesas e começavam a jogar, você chegou a pegar alguma coisa assim?**

Não, acho que não. Eles eram um pouco bagunceiros. Um dia tentaram me dar um susto, aquela história de mulher... Mulher tem medo de rato, então levaram um rato pra redação... Mas não foi negócio de futebol não, vieram assim, não sei quem foi o engraçadinho, veio puxando assim, uma linhazinha como se fosse um cachorro, eu lá da minha mesa olhei assim, era um rato. Então eles estavam todos esperando que eu fosse dar um berro, subir na mesa e eu peguei o rato e aí o rato começou a andar em cima de mim e eu perguntei... Onde é que vocês pegaram esse rato, que maldade, põe o rato de novo... E aí ficaram todos quietos, acho que levaram o rato pra oficina novamente, espero que tenham levado... e eu ia dizer que eles ficaram horrorizados, não eu. Mas nessa coisa de jogo de futebol é bem possível sim, mas não sei, porque eu terminava o meu trabalho e ia embora. Nessa época ainda não tinha a cachacinha do Simpatia, que tinha no Jornal do Brasil depois, que também não era todo dia não. Pegava e ia pra casa, pegava meu ônibus ali na Praça Mauá, que era ali na Avenida Rio Branco, o Diário Carioca. No Jornal do Brasil a gente saía, mais tarde porque era Internacional, então as notícias chegavam mais tarde, tinha que traduzir, aquela coisa toda. Então eu saía do jornal, caminhava, ia pro Largo da Carioca, sozinha, às vezes, uma vez ou outra, eu podia ter a companhia, mas não acontecia, não acostumava acontecer. Geralmente eu saía, pegava meu ônibus no Largo da Carioca e saltava, morava em Copacabana, logo depois do Túnel Novo. E eu acho que hoje em dia, por causa disso, eu sou uma pessoa que anda pela rua sem medo, eu estava pensando... Meu Deus, eu ando tão sem medo, todo mundo vive apavorado e eu vou... Não vou me meter num lugar assim absurdo, nem hoje, nem ontem, nem há 50 anos. Mas eu ando sem medo e acho que foi o jornal que me incutiu isso, de andar na rua sem medo. Que bom, foi uma boa coisa que o jornal me deu.

**Você trabalhou com o Pompeu de Souza no Diário Carioca?**

No Diário Carioca. Eu não tinha contato com ele. Era chefe, diretor, mas eu não tinha contato com ele não. Era ele e o Horário de Carvalho, que foi casado com Dona Lili... Tinha Danton Jobim, Pompeu, mas eu não tinha contato com eles não.

**E com o Luís Paulistano?**

O Luís Paulistano, ele tinha sido chefe de reportagem, mas eu não peguei. Quem eu peguei de chefe de reportagem foi o... Como ele chamava, meu Deus, essa memória trai a gente... Foi o meu chefe de reportagem lá, mas depois o Paulistano



morreu de acidente de avião. Foi uma pessoa que era muito querida. Tem um filho dele que é jornalista, senão me engano estava fazendo um livro sobre o Diário Carioca.

**Você saiu do Diário Carioca e foi para a Petrobras. Como foi essa mudança?**

Foi em 1959. Várias pessoas saíram nessa mesma época. O Diário Carioca, embora fosse um jornal muito bom, eu não sei, talvez fosse questão de administração, eu não sei, porque ele não pagava, ficou uma época sem pagar ninguém, então sem receber dinheiro fica complicado e eu então quis trabalhar em outro lugar e a Petrobras estava aí a todo vapor e eu como era muito nacionalista, até hoje sou um pouco, eu resolvi ir para Petrobras. Fiz um concurso para e passei, fui chamada, mas ao contrário do que eu esperava, não me chamaram para assessoria de imprensa, que era muito pequena, nessa época, e me botaram no escritório de compras da Petrobras. Eu trabalhava o dia inteiro, me lembro que, eram duas secretárias do chefe do escritório de compras, eu me lembro que a outra moça dava uma assessoria a ele mais permanente, ele ia assinar documento, ela levava, e o meu trabalho era um pouco diferente do dela, era mais redigir algumas coisas, organizar outras, então, você vê como a gente é boba, eu ainda é, era muito tola nessa época. Mas ela uma vez tirou férias ou ficou doente e eu tive que levar pra ele aqueles documentos, era negócio de CACEX, banco de exportação, Banco do Brasil e era uma guia de papéis, todos de várias cores, azul, verde, amarelo, cada um ia para uma dependência do Banco do Brasil e ele então ia assinando, eu ia virando, fazia com ela fazia, como a minha colega fazia, a Lúcia. Passava as folhas e ele ia fazendo a assinatura dele e aquilo durou vários dias e eu ia vendo aquele movimento da mão dele, era muito chato aquele trabalho e eu então ia me distraíndo vendo e aí aprendi a fazer a assinatura dele e um dia peguei e assinei igualzinho a ele. Ingenuidade minha, mas ao mesmo tempo ainda tinha a ver com o meu negócio da Belas Artes, da estética, do desenho, da arte, eu gostava, aquele movimento pra mim, a minha distração na Petrobras era aquela, de vez em quando eu fazia uns poemas do 10º andar da Presidente Vargas, até que ficou um pouco cansativo e eu tive uma oportunidade de voltar para o jornal. Então um ano depois que eu trabalhava lá eu pedi demissão e voltei pro jornalismo. Uma vez na Petrobras teve um outro negócio muito engraçado, que era um negócio da torre... Logo que eu comecei a trabalhar lá, a Petrobras comprava de tudo, tinha vários departamentos de compras, compras técnicas, de máquinas, equipamentos, concorrência, tudo, até papel higiênico, era uma coisa que tinha vários escritórios de compras, um dois, três, cada um com sua... Aí uma das primeiras coisas de compras que passou na minha mão era de árvore de Natal para a Amazônia e aí eu

disse assim...Meu Deus, que empresa maravilhosa! Já era quase chegando o Natal. Estão comprando árvores de Natal para mandar pros funcionários! Eu achei uma coisa fora do comum e ao mesmo tempo bacana. Depois é que eu vi, árvore de Natal são aquelas estruturas que você põe para perfurar os poços, aquelas estruturas enormes, aquilo é que se chama árvore de Natal. Lances desse que você vai tendo, vai descobrindo, aprendendo.

**Como foi o seu retorno ao jornalismo?**

Não me lembro quem foi que me deu a mão para eu voltar pro jornal, mas nesse tempo que eu fiquei um ano na Petrobras eu não perdi contato com os meus colegas, estava ali no Centro. E aí foi alguém da Última Hora, se não me engano, que me chamou, não sei se alguém tinha deixado de trabalhar na cobertura do Galeão e precisaram simultaneamente na Última Hora, Jornal do Comercio e do Jornal do Brasil. Todos três estavam precisando de uma pessoa que fizesse a cobertura do Galeão. E aí eu fiquei fazendo. Não me lembro quem foi que me levou pra lá.

**Explica o que é isso de cobertura do Galeão?**

É assim: você fica, como se dizia na época, como setorista, repórter de setor. Então tinha repórter de setor na Câmara dos Vereadores, polícia e o Galeão era um deles porque exigia que a pessoa soubesse falar um pouco de inglês, outras línguas. Um pouco de cultura geral, porque quem chega ao Brasil e começa a ser entrevistado vai fazer alguma coisa e você tem que estar informado. E aí era isso: setorista era o que cara que cobria, que ficava encarregado da cobertura para o jornal do tal setor, no meu caso o Galeão, eles me pegavam cedo e iam para o Galeão, os aviões chegavam muito cedo, então lá ia eu já sabendo quem ia chegar naquele dia, então as próprias empresas já tinham suas divulgações e aí eu ia fazer essa recepção, pegar o primeiro depoimento, às vezes eu continuava entrevistando as pessoas, mas nessa fase era só o Galeão que eu fazia, era muito cedo e era uma coisa bastante trabalhosa, era o Galeão velho, não era no novo não.

**Nesse período, quais foram as grandes personalidades que você entrevistou? Era uma época em que vinha muita gente importante ao Brasil.**

Vinha. Foi a época de Brasília também. Brasília tinha sido inaugurada, a capital tinha mudado pra Brasília, tinha muita gente de arte, muitos políticos, escritores. Havia os tais festivais de cinema, vinha um monte de gente e eu tinha que ir depois para o Copacabana Palace entrevistar aquela gente toda. Dos escritores, por

exemplo, eu me lembro de ter falado com o Graham Greene, que é um escritor de quem eu gosto muito, nessa época eu conhecia muito pouco a obra dele, mas alguma coisa eu conhecia. Artistas de cinema, Rock Hudson, lembra? Teve um episódio também, isso eu não me lembro aonde é que eu estava, se eu estava no Diário Carioca ou se eu estava no Jornal do Brasil, acho que eu estava no Diário Carioca ainda, que foi um negócio com Baby Pignatari e Linda Christian. Ela tinha sido mulher do Tyrone Power e estava namorando o Baby Pignatari, aí os amigos do Baby, que eram do tal do Clube dos Cafajestes, fizeram um passeio na Avenida Atlântica... "Go home, Linda"... ficaram putos com a Linda Christian, porque o amigo estava todo pro lado dela, estava deixando a boemia, enfim foram coisas desse tipo que eu tinha que fazer. No fim, tudo aquilo tinha um certo aprendizado por exemplo, entrar no hotel sem pedir licença, no Copacabana Palace eu já ia entrando. Eu no íntimo sou uma pessoa tímida, não sou uma pessoa atirada, mas no jornal também foi outra coisa que eu aprendi um pouco é não pedir por favor nada, se eu puder conseguir sem pedir nada eu já vou tentando, então era assim e com esse tipo de gente muitas vezes tinha que fazer assim mesmo. Mas tem mais, Marlene Dietrich, o irmão do Kennedy, Ted Kennedy, que era senador, também entrevistei, mas eram entrevistas mais ou menos rápidas, me lembro já no Jornal do Brasil, mas aí já não estava eu mais, estava no Internacional, mas aí eram outras coisas. Mas enfim, nessa fase de cobertura, eram coisas mais ou menos da chegada mesmo, não era uma coisa que desse para me aprofundar, tinha que ser uma abordagem razoavelmente interessante, porém muito rápida, muito sucinta, e muitas vezes muito engraçada também, dava margem para você se divertir também.

**Você se lembra de algum episódio desses?**

Não, não. Essas coisas assim só de um modo geral que eu me lembro. Se eu fuçar muito a minha memória posso lembrar, mas não estou lembrando. Qualquer dia eu vou pegar meus escritos, eu vou na Biblioteca Nacional.

**Depois você foi para o Jornal do Brasil, numa época em que o jornal estava em plena reforma. Como era esse jornal?**

No Jornal do Brasil, tinha gente nessa época, eu acho que o Castelinho já estava lá, depois foi Heráclito Salles e pessoas assim com quem você aprendia todos os dias. Porque o jornal tem isso, para um jovem era uma grande escola, não só lendo, mas o convívio com as pessoas. Eu depois fui colega no Jornal do Brasil do Raul Ryff, que era uma pessoa, que já morreu, que eu quero um bem, mora no meu coração, foi uma pessoa maravilhosa com quem muito aprendi, sentada ao lado dele,

escrevendo as notícias pro Internacional do Jornal do Brasil. Então essa época do Jornal do Brasil era uma época de alegria, foi a época que precedeu a ditadura, era uma época de entusiasmo, era uma época que você fazia uma greve. A greve foi muito engraçada, porque o sindicato era ali do lado do Jornal do Brasil, naquela galeria dos empregados do Comércio, e os jornalistas já tinham conseguido derrubar um diretor do sindicato que eles não gostavam, já estava um outro que era o Machado. Foi nessa época que teve a greve coordenada lá pelo sindicato dos jornalistas, gráficos e tudo mais. Então no dia da assembleia que decretou a greve, Sérgio Cabral levou pra lá Zé Kéti e Néelson Cavaquinho e cada um deles fez uma música pra greve, cada um no seu estilo. O Zé Kéti, lamentoso: "Queremos apenas 60% de aumento, pedimos socorro...". Uma coisa assim e o outro já entusiasmado... "Sessenta por cento, sessenta por cento"... Muito engraçado, quer dizer numa greve, mas havia esse outro lado. E os tempos eram outros e principalmente isso, uma época antes do golpe, havia essa expectativa, essa esperança.

### **Como eram as reivindicações da greve, quais as situações de salários?**

Os salários estavam muito baixos, os salários dos gráficos também, era um trabalho muito sacrificante, até altas horas, estavam fazendo uma reivindicação profissional baseada em dados, não era uma coisa saída da cabeça deles, e houve um apoio geral das redações e aí era 60% de aumento, não sei se havia alguma coisa de folga, horário de trabalho, isso eu não me lembro. E no Jornal do Brasil, a paralisação lá funcionou mesmo.

### **O jornal não saiu?**

O jornal saiu de alguma maneira, muito precária, não sei como é que saiu. O Jornal do Brasil naquela época, além de tudo, ele tinha muito anúncio. Hoje em dia, não se pode comparar o Jornal do Brasil de hoje com o daquela época, mas mesmo há uns tempos atrás deixou de ter, porque o Jornal do Brasil era assim, empregada doméstica, era o jornal "das domésticas", você tinha o oferecimento de tudo, sem falar de imóveis, era uma coisa de muito, cadernos de anúncios e não era automóvel como tem agora não. Então o jornal tinha que botar aqueles anúncios na rua e acho que fizeram de alguma forma a coisa, mas as pessoas, os jornalistas, essa turma toda não foi trabalhar, não foi ao jornal, deixou de ir, suspenderam mesmo, gráficos também. E aí depois foram chamados e foram demitidos sumariamente. Não sei como é que pode naquela época você demitido assim por causa de uma greve, hoje em dia já fica uma coisa um pouco difícil de você, alguma coisa melhorou, salvou-se alguma coisa.

**Tem a história de que os donos de jornal fizeram acordo para não empregar os demitidos? Como foi isso? Você foi demitida, por exemplo.**

É sim. Eu fui demitida, aí eu estava na faculdade já fazendo Filosofia e eu estava fazendo outro tipo de trabalho, estava fazendo já trabalho de redação, de copidesque, particular. E eu estava na faculdade e quando saí de lá eu fiquei realmente sem trabalho, mas eu continuei fazendo esse tipo de trabalho e aí eu me casei, dei uma parada na minha vida e me casei, coisa que eu estava há muito tempo adiando e tive logo um filho, Vicente, e aí eu fiquei dois anos terminando meu curso na faculdade, com uma criança pequena, e aí logo em seguida veio o golpe, a ditadura, que piorou as coisas mais ainda. Foi uma época de muita coisa política pra mim, tinha muito contato, então isso tudo já enchia muito a minha vida e meu casamento já não estava durando muito tempo, foi pouco tempo e eu fiquei com uma criança pequena, morando, fui morar com a minha mãe de volta para poder ter um pouco de apoio e aí voltei a trabalhar. Foi aí que voltei a trabalhar com Araújo Neto, que tinha sido meu chefe no Jornal do Brasil, uma pessoa encantadora, inteligente, maravilhosa, e Araújo estava chefiando o Studio JB que foi um estúdio de publicidade que o Jornal do Brasil resolveu criar, que deu certo durante algum tempo e não sei porque não continuou, porque também quando terminou eu já não estava mais lá. Aí Araújo me chamou para trabalhar com ele, coisa que eu também não tenho na minha carteira profissional, porque era extra-oficial, mas eu trabalhava diariamente, tinha meu horário, fazia meus textos de publicidade e aí fiquei nesse Studio JB e depois, nessa mesma época, eu fui pro Correio da Manhã, também na mesma base, e depois do Correio eu ainda fiquei um ano no O Globo até 1969, que foi o tal ano, acho que foi o ano do Homem na Lua, não tenho muita certeza, mas acho que foi, e aí do O Globo, porque eu ficava assim um ano, não tinha carteira assinada, ficava um ano em um, um ano em outro... No caso do Globo eu fiquei trabalhando na Política Internacional. Foi então, quando terminou o negócio do O Globo, que eu tinha até, na época que eu me aposentei, tinha até recibos, mas não tinha na carteira, eu nem pude aproveitar para minha aposentadoria. Aí eu fui então trabalhar nessa história da Shell que eu estava falando.

**Você chegou ao Correio da Manhã numa época muito complicada. Você pegou o AI-5 dentro do Correio da Manhã. Qual era a situação do jornal?**

Peguei o AI-5 dentro do Correio da Manhã, morte do Che Guevara... Olha, era um clima ainda muito solidário entre as pessoas. Você sabia que tinha alguns colegas envolvidos em algum tipo de organização, mas ninguém procurava saber muito,

cada um na sua, mas havia uma solidariedade muito grande e o jornal ainda era um jornal bem feito, com pessoas... Poerner estava no Correio da Manhã, o próprio Carpeaux... Então havia esse clima e uma tensão muito grande, atenção e tensão. O negócio do AI-5, quando chegou lá, foi realmente... Acho que o Maurício Azedo estava nessa época lá. Mas era uma coisa muito complicada... Eu freqüentava o jornal O Sol, onde trabalhavam vários amigos meus: Ana Arruda, Reynaldo Jardim... Eu ia muito lá. Quer dizer, então havia aquela coisa do desafio também, não vamos deixar eles nos amedrontar, não vamos nos amedrontar. Havia isso. Agora, depois do AI-5, quando começaram as prisões em série, muitos colegas foram presos, a coisa ficou bem pior. Foi aí que eu saí de lá que eu fui pra outro lugar, realmente jornal não havia condição.

**Mas em seguida do Correio da Manhã você vai pro Globo. E como é que você sai de um jornal que combatia a ditadura e vai pra um jornal que era aderido à ditadura? Era diferente dentro da redação?**

Eu estou só querendo lembrar se eu fui antes pro Correio da Manhã... Não, em dezembro eu estava no Correio da Manhã. É, o Globo foi depois do Correio, isso mesmo. Eu também aí já estava um pouco... Depois do Correio a coisa ficou chata demais e eu então fiquei lá, mas as pessoas com quem eu trabalhava na Internacional eram ótimas: Monteiro, Guilherme... Eram pessoas legais e não havia um clima policial na redação, de forma alguma.

**E você já vinha cobrindo Internacional desde o JB?**

Sim, desde o JB. No Globo fui fazer Internacional e depois novamente no Jornal do Brasil.

**Nessa época, como era a cobertura de Internacional? As informações vinham de que fontes?**

As informações vinham das agências de notícias e de teletipos, chegavam por teletipo, alguém recolhia, muitas em inglês, espanhol, em francês, France Press, a gente tinha que traduzir, fazer um "copi" nas notícias. Eu comecei a trabalhar na Internacional no Jornal do Brasil, porque quando eu fazia o tal setor do Galeão e que saí e fui pro Jornal do Brasil, fiquei trabalhando na Internacional e fazendo esse tipo de coisa, telegrama, matéria, eventualmente uma entrevista e outra e foi exatamente na época da Revolução Cubana, que foi uma coisa gloriosa, para nós todos de esquerda a Revolução foi assim, maravilha. Isso até hoje é uma coisa que eu, sou a favor de Cuba, sou fã de Fidel Castro. Então no Internacional é isso, era

uma coisa mais ou menos, quer dizer você ia aprendendo, ia vendo, tirava suas conclusões, mas tinha que ter, seguir uma certa linha do jornal.

**Você lembrou da Revolução Cubana que é um fato muito impactante. O quanto era possível falar da Revolução Cubana no jornal?**

No Jornal do Brasil era, quando eu estava lá... Quer dizer, às vezes teu chefe não gostava de falar da Revolução Cubana porque trabalhava na embaixada dos EUA também, não queria dar bola pra Cuba, mas isso não impedia que você desse a notícia que teria que dar, quer dizer se você quisesse, mas não impedia não.

**Mas depois de 1964 esse noticiário internacional, independente de ser sobre Cuba ou não, sofre censura?**

Aí tudo vem de acordo, você sabe que eu não me lembro do Globo, desse meu período de Internacional, eu me lembro dos meus colegas com quem eu trabalhei lá, mas não me lembro muito da linha, mas era isso que você pode imaginar que fosse, operação pan-americana, não era ainda, nessa época ainda não estava aquele negócio da ditadura da América Latina total, não estava ainda, falava da Argentina, nessa época o Allende estava no Chile, ninguém ia falar mal do Allende também. Você tinha Guerra Fria, outras questões que faziam parte do programa, sem dúvida, EUA e tudo. Mas não era, as próprias agências não mandavam esse tipo de coisa e também não era a função dos redatores ficarem pesquisando esse tipo de coisa, mas tinha, outras pessoas faziam isso dentro das suas possibilidades, Newton Carlos, escreviam coisas dentro das suas áreas de trabalho, refletiam muito mais sobre isso. Newton Carlos escreveu livros sobre EUA, morte do Kennedy, assassinato, mas quer dizer, havia pessoas em outras instâncias que preenchiam isso. Agora, a gente contar com jornal, hoje menos do que antes, eu acho também, a minha situação como profissional era outra, eu tinha um trabalho a fazer, mas se botar do ponto de vista do leitor são outros quinhentos. Leitor nem sempre vai encontrar no jornal o que ele quer saber mesmo, vai encontrar outras coisas.

**Por que?**

Bom, porque, eu até estava lendo ontem um texto de Balzac sobre jornalismo muito interessante, diz um bocado das coisas que eu penso. Eu acho que, você hoje em dia, liguei a televisão hoje de manhã e estava lá uma reportagem sobre seqüestro em Santo André na Ana Maria Braga, desliguei evidentemente e a coisa é essa, um excesso de, é isso que é oferecido ao povo, aos leitores, principalmente na televisão, é uma questão um pouco complicada, poderemos voltar depois a ela.

### **O que foi o jornal *Independência ou Morte*?**

Esse jornal foi um jornalzinho clandestino que começou a ser feito em 1971, se não me engano, e era do grupo o qual eu participei que era um grupo de resistência à ditadura. Era um grupo que vinha do pessoal [da guerrilha] de Caparaó. Eu não participei de Caparaó, naturalmente, mas era um pessoal... um pessoal brizolista também, e aí era um jornal que tentava dar notícias que não veiculavam, falar de pessoas cujos nomes eram proibidos, isso era muito chato realmente, você não poder falar de certas pessoas. Dom Hélder Câmara, por exemplo, coisas desse tipo. Então esse jornal fazia, não só tinha artigos conclamando à luta, à resistência, como veiculava notícias que não encontravam espaço na imprensa diária. Então nós tínhamos reuniões, era mais uma coisa, digamos, de informação mesmo, minha função era fazer algumas matérias para o jornal.

### **Eram matérias de denúncias de tortura, coisa assim?**

Exatamente. E outras coisas mais, notícias até internacionais que não saíam na imprensa de todo o dia. Era uma forma de se poder, um pouco pretensiosa, porque a circulação dele devia ser pequena, restrita e tudo, mas pelo menos sentia uma certa satisfação de estar conseguindo infringir as proibições, a censura, talvez não muito eficaz, mas teve seu papel.

### **Que grupo de resistência era esse?**

Chamava-se Resistência Armada Nacional, RAN.

### **Tinha que procedência?**

Era ligado ao Brizola, não que o Brizola fomentasse nada, mas eram pessoas que se identificavam com a postura do Brizola, o pensamento do Brizola, a resistência dele.

### **Você entrou pra luta armada?**

Não, para a luta armada não. Não fazia parte, algumas pessoas que fizeram, participaram de algumas coisas pequenas, não mataram ninguém, mas roubaram armas, mas isso não era a minha área não, talvez se tivessem me pedido pra fazer isso eu acabasse fazendo também.

### **Mas o jornal defendia a luta armada?**

O grupo defendia, era um grupo pequeno, mas estava a favor da luta armada.

### **Como era a produção e distribuição desse jornal?**



Tudo era feito por setores. Uma pessoa não participava do resto até mesmo para não haver, para ficar mais difícil de detectar, identificar e tudo mais. Você sabe que o negócio não era assim, tudo aberto e todo mundo junto, eram setores e tinha lá os que comunicavam com os outros, mas a gente não participava muito disso, tinham reuniões, de pauta, tínhamos que fazer notícias, entregávamos matéria e tudo, mas não participávamos da seqüência, da distribuição, sei lá quem distribuía, até mesmo por questões de segurança, basicamente, e durou algum tempo, talvez uns dois anos por aí e também não tinha uma regularidade, era quando podia, ninguém tinha dinheiro também, era uma coisa muito precária.

**E é essa participação, colaboração no jornal, que resulta na sua prisão depois?**

Foi a participação nesse grupo, é o contato com essas pessoas, com esse grupo. Minha prisão foi em 1973, mas quando eu fui presa, já muita gente tinha sido presa, colegas meus, que certamente vocês já entrevistaram ou vão entrevistar, colegas muito próximos, enfim, a situação estava mesmo bem pesada.

**Mas quais foram as condições da sua prisão, as circunstâncias?**

Bom, eu fui presa na minha casa, tarde da noite, quase 10 horas da noite, porque outras pessoas já tinham sido presas antes de mim, que faziam parte do mesmo grupo, e acabaram chegando a mim. Eu já estava até sabendo antes que isso ia acabar acontecendo, eu já estava prevendo quando começou a cair o pessoal eu já, daqui a pouco vai chegar aqui, então deixei as minhas contas num envelope separadas na minha mesinha de cabeceira, até que um dia eles chegaram, eram vestidos à paisana e com fusquinha, estacionaram na porta na minha rua, e bateram na minha porta. Quando bateram eu disse que eu não estava... "Não está em casa"... Mas eles ficaram ali esperando até que uma determinada hora eu fui ver o que eu poderia fazer, tentei falar no telefone, mas estava com a linha cortada, não estava falando pra fora. Coisas de papel meus, coisas que poderiam trazer problemas eu já tinha destruído antes e mesmo assim eles entraram, chegou um ponto que eu disse... "O que é, sou eu mesma..." Eles aí entraram, armados de metralhadora, aquela coisa toda, e mesmo assim futucaram lá nos meus papéis, meus armários, nas minhas gavetas, separaram coisas que eles acharam, livros, que eles acharam que podiam ser subversivos. O caderno de telefone, eu consegui surrupiar lá pelas tantas, enquanto eles estavam de costas, eles tinham separado, eles não vão lembrar que separaram e eu peguei o caderno e botei em outro lugar e ficou pra lá, não repararam mesmo. E acabaram me levando, meu filho estava em casa e foi muito chato pro meu filho isso, uma coisa muito chocante, me lembro

disso até hoje e me levaram nesse tal Fusca, me encapuzaram lá dentro, e me levaram, depois eu vi que era para o DOI-CODI e eu lá fiquei isolada, tive confronto com outras pessoas, me botaram diante de outras pessoas e como todo mundo sabe como é que são essas coisas e lá eu fiquei incomunicável. Na minha casa, na minha família, ninguém sabia aonde eu estava, ninguém sabia pra onde eu tinha sido levada. E nessa ocasião, todo mundo procurando, quem não sabia onde eu estava, fica todo mundo preocupado, principalmente quem tem família pra poder se mexer e meu pai estava indo para um congresso de oftalmologia no exterior quando isso aconteceu e aí ele ameaçou de que não iria e mandaria um comunicado dizendo porque era ou então que ele iria e lá denunciaria e aí me deixaram ver meu pai no Ministério do Exército para ele ver que eu estava incólume, que eu não estava ferida, machucada, nem nada. Então eu fui levada lá e voltei de novo e meu pai viajou e eu fiquei no DOI-CODI mais um bocado de tempo. Eu fiquei presa quase dois meses, primeiro fiquei lá, um mês lá e fui levada para o Batalhão de Guarda em São Cristóvão, que era para você se reestruturar e lá no Batalhão de Guardas eu fiquei com outras colegas minhas, pessoas que eram do mesmo grupo, que eu até não conhecia, nenhuma delas, só conhecia uma, também esse negócio de segurança você não tem todo mundo junto, então ficamos lá juntas, o que foi um certo consolo você ficar com outras pessoas, não ficar isolada como eu fiquei no princípio. Enfim, é uma época que eu não gosto muito de recordar.

**E você foi processada?**

Fui processada. Saí de lá com um processo militar e demorou bastante tempo pra ser julgado, não foi logo não, tanto que quando eu quis sair do Brasil para cumprir uma bolsa que eu tinha recebido da França em 1976 eu não tinha passaporte, não tinha direito a passaporte, então o negócio durou, só depois é que eu consegui o meu passaporte e eu consegui sair, quando eu estava na França já é que o negócio foi julgado e eu fui absolvida, depois de ter passado por tudo aquilo. Mesmo assim quando eu voltei da França em 1980 ainda tinha receio, isso é uma coisa que deixa tantas marcas na gente. Eu cheguei na França e eu tinha... Também era uma época em que a França, Paris, estava cheia de refugiados políticos e havia aquele receio... Você estava num bar, às vezes, e você tinha medo de falar com as pessoas, era tudo muito assim... A gente leva com a gente essa desconfiança, durou muito isso.

**E antes de você ir para a França, volta ao JB?**

É, voltei ao JB, porque saí da prisão e fiquei trabalhando sem carteira assinada na editora Delta, antes eu tinha trabalhado, porque quando eu saí do tal emprego da

Shell, não era diretamente da Shell, era uma agência de publicidade que me contratou pra trabalhar pra Shell, então eu fiquei lá também cerca de um ano e aí é que teve o negócio da prisão, daí eu fui pra Delta, da Britânica, Enciclopédia Mirador, conheci Antônio Houaiss, Carpeaux, dessas sortes que a gente tem na vida... Antônio Houaiss era uma pessoa que também sofreu com a ditadura e a maior parte daquelas pessoas que estavam trabalhando lá, estavam numa situação até pior do que a minha. Então aquilo foi um berço pra colher essas pessoas, para poderem continuar trabalhando, fazendo um trabalho digno, decente, razoavelmente bem pago. Então quando eu saí de lá eu fui para Delta Larousse, foi nessa ocasião, nesse intervalo, que eu fui presa. Mas continuei trabalhando na Delta, não com carteira assinada, como colaboradora, trabalhava todo dia, ia pra lá todo dia para fazer essa tal enciclopédia que a Ana Arruda estava coordenando. Aí terminou essa história da Delta e então eu tive, por sorte estava lá o Luís Mário Gazzaneo que era o sub-chefe da editoria de Internacional do Jornal do Brasil e graças então aos nossos amigos comuns eu pude ir pro Jornal do Brasil, foi lá que eu tive Raul Ryff como meu colega e fiquei lá algum tempo, alguns anos, de 74 até eu ir pra França, que foi final de 77, aí eu consegui o passaporte, por essas coisas também absurdas, Gazzaneo dizia: "Não você não vai conseguir esse passaporte..." Aí alguém me indicou uma pessoa, que nem me lembro o nome, quer dizer você faz um bloqueio mental para não lembrar das coisas, e este cidadão que era ligado à polícia, não sei de que maneira, ele conseguiu pra mim o tal do passaporte porque eu tinha um documento que facilitava isso. Nessa época você pra ter um passaporte pra sair do Brasil a trabalho ou estudo, você não pagava, havia um depósito a fazer alto, a ser feito quando você saía como turista e como eu tinha esse negócio da bolsa eu tinha direito à isenção disso. Então, ao mesmo tempo que eu pedi o meu passaporte à polícia, eu pedi a isenção ao governo, porque eram duas coisas separadas. A polícia não me deu o passaporte, recusou meu passaporte, me chamaram lá, me fizeram escrever, justificar e tudo, mas no final não deram. Enquanto isso, a secretaria especial do governo me mandou uma autorização para ter isenção desse tal depósito e eu guardei esse papel e aí com isso eu levei pra esse homem e ele disse: "Bem, então isso facilita tudo". E aí consegui o passaporte pra mim, naturalmente paguei a ele, não me lembro quanto, e eu consegui o passaporte, mas quando consegui já tinha passado o período da bolsa, não pude ir naquele ano, mas mesmo assim eu consegui no ano seguinte. Já tendo passado o período de confirmar a bolsa, o que aconteceu é que o Araújo Neto estava em Madri para fazer a cobertura de alguma coisa, mas teve que voltar pra Roma, ele era correspondente do Jornal do Brasil em Roma, onde ele ficou morando até o fim da vida. Aí o Araújo precisou de alguém e pediu ao Jornal

do Brasil e o Gazzaneo então me destacou pra ir, eu já estava com esse tal de passaporte e eu então fui para Madri cobrir lá o Primeiro de Maio sem o Franco, ele tinha morrido no ano anterior, e aí eu fui a Paris expliquei a eles que eu tinha tido esses problemas políticos e eles me permitiram ir no outro ano para ter a bolsa, quer dizer um ano depois, foi aí que eu fui, em 1978.

**E nessa sua temporada na França, como é que você via o jornalismo brasileiro em comparação com o francês?**

Primeiro, você vê não só o jornalismo, você vê o Brasil de longe, e você compara com o que você vê lá no dia a dia. Quer dizer, há problemas, pessoas que são racistas, claro, coisas que existem em todos os lugares. Mas a primeira coisa na França é que você, nessa época pelo menos, é que você tinha na rua uma manifestação enorme quando qualquer problema, qualquer direito fosse infringido, lutas sociais, tudo tinha uma resposta muito imediata e da imprensa, evidentemente, junto com isso. Então, no Brasil, não pode falar nada, os jornais estão completamente sob censura e aqui, realmente dá uma outra visão, um alívio até. Não é seu país, mas dá um alívio de você ver que há outras coisas, até esperança. Quanto à imprensa, eu lia muito os jornais franceses, via televisão, sempre que podia, lia o Le Monde, Libération, não dava para ler tudo, os semanários, e aí eu podia acompanhar as notícias do Brasil, imagina que muita coisa que eu li lá do Brasil, não saía aqui, a maior parte não saía aqui. E o Le Monde é realmente um jornal exemplar, eu gosto muito do Le Monde, é um jornal que tem matérias muito boas, é muito bem escrito, seria um exemplo pra imprensa brasileira, porque não trata o leitor como burro, ele trata o leitor como um ser inteligente, pensante e faz uma recapitulação rápida das coisas, do que está se tratando, mas não é sensacionalista, de jeito nenhum. A imprensa francesa, o Le Monde sobretudo, o Libération já não é um jornal de esquerda, hoje agora acho até mudou de dono, mas continua com a mesma postura. Mas o Le Monde, que seria o jornal típico, francês, ele tem isso, não sei se a imprensa lá mudou... Mas naquela época, pelo menos, digamos, não tratava o leitor como burro, fazia o leitor pensar, refletir e era muito bem escrito. Quando eu tiver oportunidade de ir lá novamente vou observar melhor. E a televisão também.

**Quando você volta ao Brasil, volta para o JB, não é?**

Volto em 1980, final de 80, aí consegui trabalhar no Jornal do Brasil, trabalhar no copidesque e n'Ó Globo... Primeiro foi no Jornal do Brasil e depois n'Ó Globo, eu fiquei trabalhando no copi, fechamento de primeira página no Jornal do Brasil,

Chico Vargas, uma porção de gente lá, ainda era um jornal que tinha sua graça, um lugar bom de se trabalhar.

**E é dessa época aquela questão da nomenclatura, Dona Marta, Santa Marta?**

Ah, sim, isso foi engraçado, isso vale a pena lembrar. O jornal ainda não era computador, era máquina de escrever e você tem umas medidas e títulos por coluna, duas colunas tem tantas batidas, uma coluna tantas, e a notícia de uma coluna tinha que ser obedecido rigorosamente. Então uma coluna você tinha que ter dez batidas em máquina de escrever, eram 3 de dez batidas e tinha uma notícia sobre o Santa Marta e aí o Santa Marta não cabia, não podia botar Santa numa linha e Marta na outra, tinha que ser Santa Marta na mesma linha, então não cabia, não íamos abrir duas colunas porque a notícia merecia uma coluna, então era cinco pra Santa e cinco pra Marta, não dava espaço e além de tudo, o S ocupava muito espaço e o N também, de qualquer maneira estourava, aí alguém, que eu não me lembro quem era, teve a idéia de dizer... "Não, nas Santa é a favela, o morro é Dona Marta..." Então não precisa botar Santa Marta, vamos botar Dona Marta e assim foi feito e de lá pra cá Dona Marta ficou, acho que até predomina de certa maneira, eles impingem um pouco Dona Marta, acho até que é pra contrariar o pessoal do Santa Marta, porque tem até um rap lá que diz ...É Santa, Santa, Marta..." Então eles usam Santa Marta e aquilo me tocou como sendo uma coisa errada, como é que você pode pegar uma comunidade e desvirtuar, em vez de você chamar Mangueira, chamar Jaqueira, por exemplo, é uma coisa um pouco desrespeitosa, eu fiquei um pouco irritada com aquilo, mas evidentemente eu não podia recusar em botar Dona Marta. Mas isso é uma coisa muito típica de jornal.

**Aliás, nessa época, o quanto se falava de comunidade, o quanto se falava de favela? Porque hoje é um tema que domina, a questão da violência, e nem sempre o tratamento que se dá é o mais correto... Mas, naquela época, o quanto se falava, quer dizer, a gente está falando de jornais que são de elite, o Globo, JB, como que é que eles falavam desses grupos que estão além da elite?**

Pois é, anos 1980, não havia esse negócio de tráfico, tinha lá. O papa teve aqui, eu estava no Jornal do Brasil quando o papa esteve aqui, eu até desci, o pessoal do jornal desceu para ver o papa passando pela Avenida Brasil no papamóvel. O papa foi ao Vidigal, então fizeram obras no Vidigal por papa ir, embelezaram lá, não havia esse negócio, não tinha essa história desse confronto. Então falava-se de favela quando o barraco caiu, queimou, chuva derrubou, alguma visita como a do

papa, samba, não havia, não me lembro desse negócio de droga, apreensão, nada disso, não me lembro mesmo, dá até vontade de fazer uma pesquisa sobre isso.

**Você acha que a experiência da ditadura deixou alguma marca no jornalismo ou a gente já se livrou disso?**

Claro que marcas ficaram. Você vê que agora se discute, por exemplo, se os torturadores devem ser processados ou não, como foram na Argentina e no Chile, eu fico muito dividida em relação essas coisas, acho que esquecer é impossível, mas também ficar remoendo em cima das coisas do passado... É bom quando se faz a memória, quando se estuda como era a imprensa, e naquela época dos anos 80 como era tratada a favela, isso tudo são coisas interessantes e que estão sendo feitas por aí. Mas não sei se isso ajuda, não se deve esquecer, agora nessa época de campanha eleitoral, como é que os candidatos ficam em relação a isso, é uma coisa pra gente observar, porque também há limites, não precisa agora se ficar passando um pano no passado, não é isso. E uma marca certamente ficou, principalmente nas pessoas que estiveram diretamente envolvidas. Acho muito chato ter ódio, acho uma coisa horrível, acho que deve procurar o entendimento, deve procurar oportunidade das pessoas realizarem seus sonhos, os que estão aí hoje, que lutaram, que quiseram uma mudança no país. Agora eu acho que deixou uma marca, muitas vezes eu pergunto, tanta gente que pratica hoje tortura na polícia, no Exército, tóxicos, essas coisas que a gente vê por aí, que existe, claro que existe ainda nas celas, nas penitenciárias, nas prisões, muito disso vem de lá mesmo, muitas pessoas usaram isso, mas já havia, tortura é uma coisa realmente horrível, abominável, sempre houve quem estando com o poder, oprimir, tenho o poder pra isso, por que não. Enfim é muito complicado, agora na nossa imprensa, que eu acho, que a imprensa mudou muito em função de toda uma mudança na sociedade, não só no Brasil, mas no mundo todo, tanto que eu fiquei agora interessada em ver esse negócio na França como está. Eu costumo ler o Le Monde na Internet e acho que continua muito bom. Agora aqui, a imprensa é uma imprensa de espetáculo, do circo, de fazer da desgraça uma coisa corriqueira, esse negócio desse seqüestro, multidões que vão lá, também as pessoas querem aparecer na televisão, isso tudo é muito esquisito, penso muito sobre isso, reflito muito e gostaria até de chegar a uma análise, ler o que outras pessoas dizem porque isso é uma coisa, é uma distorção a meu ver, do papel da imprensa. Quando eu comecei a trabalhar em jornal eu tive uma primeira decepção, eu estava no Jornal do Brasil, já tinha feito aquele negócio do Galeão e estava na reportagem, então havia uma campanha para lavradores que quisessem terra na Amazônia, eu não fazia isso, era uma campanha tipo aquela coisa adote uma criança, que tinha a

Sílvia Donato, o Jornal do Brasil fazia campanhas desse tipo, Silvia Donato também uma pessoa daquela época, uma mulher interessante. Mas esse negócio da Amazônia, que o Jornal do Brasil estava participando, não lembro com quem, de onde vinha isso, e aí veio uma carta pra redação, escrita por uma pessoa quase analfabeta, com a maior dificuldade de escrever aquela carta, você via que leram pra ele, que alguém disse...“Olha tem lá, terra, você não quer...” E o cara morava no Estado do Rio, escreveu aquela carta e a carta ficou lá jogada e eu vi a carta e disse...“Ninguém vai responder essa carta...” E eu senti que ninguém ia dar a menor pelota, que aquilo era só uma coisa pra aparecer, porque também já existia essas coisas antigamente, era muito agradável uma redação, mas também existia isso...“Ah, tanto faz como tanto fez, esse cara aí...”E aí eu fiquei muito indignada com isso, foi a primeira vez que eu senti isso, porque eu acho que o papel da imprensa, ele é de informar as coisas de uma forma mais possível, isenta, objetiva e não alarmista, mas acho que também é de prestar esses serviços as pessoas e eu não vejo a imprensa cumprindo bem essas funções. Eu não sei, pode ser que agora com outros recursos que existem de comunicação que realmente aja uma democratização maior, Acho que a Internet oferece possibilidades, mas como sempre o dinheiro, as coisas são feitas por quem tem mais dinheiro. Agora com esse problema todo de bancos, depressão, EUA, dólar que sobe, então, qual a conclusão, os especialistas, os economistas podem tirar as conclusões, mas sempre quem tem terá mais. Então essa injustiça básica no mundo é uma coisa que fica sempre com um ponto de interrogação, como será isso? Eu não sei, claro que eu não vou resolver nada e nem vou chegar provavelmente a nenhuma conclusão, mas é uma coisa que incomoda e incomoda, principalmente, quem está nesse trabalho da gente, de imprensa, que você acha que poderia ser um caminho.

**Você acha que olhar para o passado pode trazer alguma reflexão para melhorar o jornalismo?**

Pra quem? Pra todo o mundo, os estudantes. Eu acho que lembrar as coisas sempre é importante. Eu acho que é muito importante a gente conhecer o passado, conhecer o que aconteceu porque, muitas vezes, por não saber, a gente acaba caindo nas mesmas contradições, nos mesmos problemas, nos mesmos erros, então eu acho que é muito importante.